

## "INÊS DE CASTRO" E O "ADAMASTOR"

---

JOSÉ VALDIVINO

### INÊS DE CASTRO

DIDÁTICA — Luís de Camões, o bruxo português, na expressão de Augusto Meyer, em seu poema *Os Lusíadas*, dentre os principais episódios, compôs o de "Inês de Castro", no canto 3.<sup>o</sup>, desenvolvido em 16 estâncias, e o do "Adamastor", no canto V<sup>o</sup>.

Inês de Castro é tipo real, que Camões foi buscar na própria História de seu País. Trata-se de dona Inês de Castro, nobre dama espanhola, que veio para Portugal no séquito da princesa dona Constança Manuel, noiva do príncipe dom Pedro, filho do rei Afonso VI.

Morta dona Constança, dizem as crônicas que o príncipe viúvo casou-se com Inês, de alta formosura, contrariando os princípios da fidalguia lusitana. Assim, é morta Inês de Castro, por ordem real.

*"Tirar Inês ao mundo determina  
Por lhe tirar o filho que tem preso.  
Crendo co sangue só da morte indina  
Matar do firme amor o fogo aceso." (C. 3, est. 123)*

.....

Subido ao trono português, dom Pedro I consegue aprisionar os carrascos de Inês, cujo corpo fez sentar no trono

real, revestido de crepe. Toda a corte beijou as mãos do cadáver, que foi sepultado, com solenidade pomposa, em Alcobça, ao lado dos mausoléus dos reis portugueses. Este episódio inspirou o pintor Salvador Martinez Cubellos, na sua belíssima tela, denominada “A que depois de morta foi Rainha”.

O fato está limitado entre os anos de 1230 a 1267.

Foi nesse clima da Idade Média em que Camões armou a sua narrativa, que é uma gota de humana doçura e poesia, num clima catártico, quebrando o ruído de batalhas e o aspecto rancoroso de “mares nunca dantes navegados”. É o gesto de quem repousa, na marcha trepidante de um poema épico.

### O GIGANTE ADAMASTOR

DIDÁTICA — Está no Canto V d' *Os Lusíadas*.

Escreve o professor Evanildo Bechara que o “Poeta novamente imagina, numa ficção incomparável e única em toda a literatura épica, a figura portentosa e feia do Cabo Tormentório”. (Evanildo Bechara e Segismundo Spina, in *Luis de Camões — Os Lusíadas*, p. 199)

De fato. O navegador Vasco da Gama dobrava o Cabo das Tormentas,

*“Quando ãa noite estando descuidados  
Na cortadora proua vigiando,  
Õa nuvem, que os ares escurece.  
Sobre nossas cabeças aparece.” (C. V.º)*

Era essa nuvem o gigante ADAMASTOR, guarda daquelas paragens marinhas, que obrigava o navegador luso a afastar-se dali, sob pena de cruéis castigos.

Segundo a Mitologia, o ADAMASTOR foi “um dos gigantes da Terra, que pretenderam destronar Júpiter; foram por

estes vencidos e sepultados sob diversos montes”. (in *Dicionário de Mitologia Greco-latina*, de Tassilo Orpheu Spalding. Itatiaia, 1969)

Nesse comportamento mitológico, o Autor d' *O Rei Seleuco* desenhou o monstro, o infeliz prisioneiro do Cabo das Tormentas.

*Estudo de Confronto*

É no C. III, oitava 120, onde Luís de Camões apresenta Inês de Castro envolta numa atmosfera de tranqüilidade:

*“Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo doce fruto  
Naquele engano da alma ledo e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito;  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus formosos olhos nunca enxutos.  
Aos montes ensinando e às hervinhas  
O nome que no peito escrito tinhas.”*

A adjetivação de que se serve Camões, na confecção desta oitava, é sempre de doçura, carinho, de mansidão, no desenho da pessoa de Inês: “linda”, “posta em sossego”, “doce”, “engano da alma”, “saudosos”, “formosos olhos”. Acrescenta o hipocorístico “hervinhas” e a expressão “nome escrito no peito”.

Em contrapartida, a linguagem do Poeta, na apresentação do Adamastor, traz um sentimento de receio, de inconsciente pasmo e medo, vendo-se a “nuvem que os ares escurece”:

*“Tam temerosa vinha e carregada,  
Que pôs nos corações um grande medo;  
Bramindo o negro mar de longe brada,  
Como se desse em vão nalgum rochedo.  
“Oh potestade, disse, sublimada!  
Que ameaço divino, ou que segredo  
Este clima e este mar nos apresenta,  
Que mor cousa parece que tormenta?” (c. V.º, est. 38)*

Tudo aqui, ao contrário, é pavor. O ambiente físico, em que surge a nuvem negra, impressiona Vasco da Gama e seus nautas, que, na indagação, chama a abantesma de “potestade sublime”, “ameaço divino” e compara-a a uma cousa pior que tempestade.

Observe-se também a força de aliteração espalhada em toda a estância, para lembrar dureza, ambiente de expectativa e crua surpresa: “Tam temerosa vinha”, “Bramindo o negro mar de longe brada”, “como se desse em vão”, “rochedo”, onde o concurso das explosivo-dentais “t”, “d” e termos “desse”, “rochedo” trazem ao espírito a referida sugestão. Segue-se descrição da pessoa horrenda do Adamastor, e com tais cores e beleza de linguagem, que se contorna, em nossa mente, o aspecto do avejão:

*“Não acabava, quando uma figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida.  
De disforme e grandíssima estatura,  
O rosto carregado, a barba esquálida,  
Os olhos encovados e a postura  
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,  
Cheios de terra e crespos os cabelos,  
A boca negra e os dentes amarelos.” (est. 39)*

O quadro que ressalta desta descrição é intencionalmente diverso daquele de Inês, como vimos. Este, por força da adjetivação — “carregado”, “esquálida”, “encovados”, “medonha e má”, “terrena e pálida” — trazem ao leitor a figura mefistofélica da aparição.

Já no poema inêsiano, Camões desenha, amavelmente, a pessoa suave da protagonista formosa, na lembrança do próprio apaixonado, numa atitude afagante:

*“Do teu príncipe ali te respondiam  
As lembranças que na alma lhe moravam;  
Que sempre ante teus olhos te traziam;  
Quando dos teus formosos se apartavam:*

*De noite, em doces sonhos que mentiam,  
De dia, em pensamentos que voavam;  
E quando em fim cuidavam, e quanto via,  
Eram tudo memórias de alegria.” (c. 3)*

Pudera! Um coração que se deixou enleiar por um amor de tão largo sentimento, alcançou tal mimoso afeto, que

*“De outras belas senhoras e princesas  
Os desejados tálamos engeita”. (C. 3, est. 122)*

\* \* \*

Preso Inês de Castro pelo próprio Afonso VI, três cortesãos, Álvaro Gonçalves, Pedro Coelho e Lopes Pacheco, a assassinaram. Inês, no momento terrível do crime, “os olhos piadosos” aos céus levanta, não para pedir vingança, mas misericórdia:

*“Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,  
(Se de humano é matar uma donzela  
Fraca e sem força, só por ter sujeito  
O coração a quem soube vencê-la)  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens à morte escura dela:  
Mova-te a piedade sua e minha,  
Pois não te move a culpa que não tinha.” (c. 3, est. 127)*

Continua a petição lacrimosa, numa atitude de extrema humildade:

*“E se vencendo a maura resistência.  
A morte sabes dar com fogo e ferro,  
Sabe também dar vida com clemência  
A quem para perdê-la não fez erro:  
Mas, se t’o assi merece esta inocência,  
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,  
Na Scitia fria, ou lá na Líbia ardente,  
Onde com lágrimas viva eternamente.” (est. 128)*

Ainda o amor impetratório da condenada:

*“Põe-me onde se use toda a feridade,  
Entre liões e tigres; e verei  
Se neles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achei:  
Ali co amor intrínseco e vontade  
Naquele por quem mouro, criarei  
estas relíquias suas, que aqui viste,  
Que refrigério sejam da mãe triste.”* (est. 129)

**LINGUAGEM DO ADAMASTOR** — A linguagem do Adamastor tem, de logo, o cunho da rispidez e da ameaça, visando a todos que o escutam a bordo da esquadra:

*“C’ um tom de voz nos fala horrendo e grosso,  
Que parece sair do mar profundo:  
Arrepiam-se as carnes e o cabelo  
A mi e a todos só de ouví-lo e vê-lo.”* (c. 5, est. 40)

Fala o Gigante, enraivecido, por ver naus estranhas em seus mares:

*“... oh! gente ousada mais que quantas  
No mundo cometeram grandes cousas;  
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,  
E por trabalhos vãos nunca repusas  
Pois os vedados términos quebrantas,  
E navegar meus longos mares ousas”*

.....

Em nove estâncias, Adamastor enumera as futuras desgraças que aguardam a frota portuguesa, profetizando-lhe até o episódio doloroso de Sepúlveda.

**CONFLUÊNCIA** — Há uma oportunidade em que os dois episódios, tão opostos por natureza, tocam-se numa confluência inesperada. É que, se na pessoa de Inês há um amor contrariado, no Adamastor registra-se o

mesmo sentimento afetivo, a mesma exaltação por um amor buscado, mas perdido...

O gigante apaixonou-se por Thétis, “alta esposa de Peleo” e:

*“Um dia a vi c’o as filhas de Nereo,  
Sair nua na praia, e logo presa  
A vontade senti de tal maneira,  
Que inda não sinto cousa que mais queira.”* (c. 5,52)

Assim, loucamente apaixonado pela deusa, decide-se tomá-la pelas armas e confia o plano a Dóris, esposa e irmã do deus marinho Nereo. Esta trouxe de Thétis evasiva esperança.

Todavia, com o fim de evitar guerras entre deuses, promete-lhe alguma correspondência; até que:

“ .....  
*Ua noite, de Dóris prometida,  
Me aparece de longe o gesto lindo  
Da Branca Thétis, única, despida.  
Como doudo corri, de longe abrindo  
Os braços para aquela que era vida  
Deste corpo, e começo os olhos bellos  
A lhe beijar, as faces e os cabelos”* (c. 5,55)

Prossegue Adamastor a sua estória, sempre carregado de profundo despeito:

*“Oh! que não sei de nojo como o conte!  
Que crendo ter nos braços quem amava,  
Abraçado me achei com duro monte  
De áspero mato e de espessura brava,  
Estando c’ um penedo frente a frente.  
Qu’ eu polo rosto angélico apertava,  
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo,  
E junto d’um penedo outro penedo.”* (c. 5,56)

Agora, a queixosa apóstrofe, não a um terceiro. em favor do amor e dos frutos desse amor, como em Inês, mas desolado, diretamente ao próprio amor perdido:

*“Oh, nímpha, a mais formosa do oceano,  
Já que minha presença não te agrada,  
Que te custava ter-me neste engano,  
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada! ?”*

Adamastor apela para um desterro voluntário, em virtude de sua dor, porém num comportamento de revoltado. Inês também o faz, mas com palavras de humildade e sugerindo:

*“Daqui me parto irado e quase insano,  
Da mágoa e de deshonra ali passada,  
A buscar outro mundo onde não visse  
Quem do meu pranto e do meu mal se risse.” (c. 5,57)*

Há um protesto doloroso do monstro, pelo fato de sua situação irremediável e confessa que:

*“Converte-se-me a carne em terra dura,  
Em penedos os ossos se fizeram;  
Estes membros que vês e esta figura  
Por estas longas ágoas se estenderam:  
Em fim, minha grandíssima estatura  
Neste remoto cabo converteram  
Os deuses; e por mais dobradas mágoas,  
Me anda Thétis cercando destas ágoas”. (c. 5,59)*

Nesta oitava, a prosopopéia do Adamastor. Observe-se o material vocabular dos versos, num sentido de dureza e angústia: “a carne em terra dura”/“em penedo os ossos”/“estes membros e esta figura por estas longas ágoas se estenderam” — idéia de grandiosidade desconforme. Desconforme e desconfortadora;/“por mais dobradas mágoas me anda Thétis cercando”, para que aumente, muito mais ainda, a agonia do **infeliz**.

Em INÊS DE CASTRO, entretanto, há uma apoteose de intensa saudade armada numa tessitura semiológica indicadora de ternura:



*“Assi como a bonina que cortada  
Antes do tempo foi, cândida e bella,  
Sendo das mãos lascivas maltratada  
Da minina que a trouxe na capella,  
O cheiro traz perdido, e a cor murchada.  
Tal está morta a pállida donzella,  
Secas do rosto as rosas, e perdida  
A branca e viva côr, co’a doce vida”.* (c. 3,134)

Anotem-se os termos de carinho: “cândida e bella”; “minima” “pallida donzella”; / “secas do rosto as rosas, e perdida a branca e viva côr, c’o a doce vida/.

Mais se intensificam as luzes apoteóticas da última estância do episódio inêsiano, absolutamente diversas das tintas semânticas empregadas no Adamastor:

*“As filhas do Mondego a sorte escura  
Longo tempo chorando memoraram;  
E, por memória eterna, em fonte pura  
As lágrimas choradas transformaram:  
O nome lhe poseram, que inda dura,  
“Dos amores de Inês”, que ali passaram.  
Vêde que fresca fonte rega as flores,  
Que lágrimas são a água, e o nome amore.”* (c. 3,v35)

Estudem-se as expressões de infinita desolação e saudade: “As filhas do Mondego” (as ninfas do rio Mondego) “chorando memoraram” (a morte); “As lágrimas choradas” / “dos amores de Inês”.

O verso — “Vêde que fresca fonte rega as flores.” — guarda um acalanto aliterativo, lembrando lugar de doçura. de suave lazer, por onde passa delicada aragem.

“Que lágrimas são a água, e o nome amores” — isto é: as lágrimas (formam) a água (do rio), e o nome do Mondego significa amores — os de Inês que ali viveu, em Coimbra, cuja fonte tem ainda a denominação de Quinta das Lágrimas, na lição de Lencastre.